



TARGUMIM, AS TRADUÇÕES ARAMAICAS DO ANTIGO TESTAMENTO, E ALGUNS PARALELOS COM O NOVO TESTAMENTO

*Targumim, the Aramaic Translations of the Old Testament, and some Parallels
with the New Testament*

Aila Luzia Pinheiro de Andrade *
Susie Helena Ribeiro **

RESUMO: O artigo foi elaborado a quatro mãos, com duas tarefas bem definidas. A primeira, fruto de uma tese de doutorado sobre as traduções da bíblia. A segunda, que se concentra mais nos diversos targumim e nas suas relações com o Novo Testamento, é resultado do Projeto de Pesquisa o “Targum e o Novo Testamento”. O objetivo geral do artigo é mostrar as relações entre as paráfrases aramaicas do texto hebraico e o Novo Testamento. Em ligação estreita com esse objetivo geral, será mostrado como essas traduções são resultado de longo processo de acomodação, revisão e censura e, finalmente, de escrita de uma tradição que se formou ao longo da história. Para isso, serão percorridos os seguintes passos: as três primeiras partes do artigo serão dedicadas à apresentação dos targumim, em seus aspectos gerais. A quarta parte se dedica a mostrar alguns paralelos entre os targumim e alguns textos do Novo Testamento.

PALAVRAS-CHAVE: Traduções. Paráfrases. Targum. Novo Testamento.

ABSTRACT: The article was elaborated for four hands, with two well defined tasks for each collaborator. The first is the result of a doctoral thesis on the translations of biblical texts. The second, which focuses more on the various Targumim and their relationship to the New Testament, is the result of the “The Targum

* Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.

** Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

and the New Testament” Research Project. The main objective of this article is to show the relationship between the Aramaic Paraphrases of the Hebrew Text and the New Testament. Linked to this objective the article intends to show how these translations are the result of a long process of accommodation, revision and censorship, and finally of writing a tradition that has formed throughout history. To accomplish this will be covered the following steps. The first three parts of the article will be devoted to the presentation of the Targumim in its general aspects. The fourth part is dedicated to showing some parallels between the Targumim and some texts of New Testament.

KEYWORDS: Translations. Paraphrases. Targum. New Testament.

Os targumim: breve introdução

Em definição plana, os targumim, targuns ou targums, formas plurais para o termo תרגום (targum) são traduções para o aramaico do conjunto canônico da Bíblia Hebraica do judaísmo rabínico, inicialmente orais, que foram fixadas por escrito tardiamente. O termo targum deriva do verbo hebraico תרגם (*tirgem*) de raiz no acádio *targumanu* ou *turgumanu* ou do verbo *ragamu* que significa chamar, o qual pode ser origem hitita. Na literatura rabínica, a pessoa que traduzia as Escrituras para o aramaico é denominada de מתרגמן (*meturgeman*, plural: *meturgemanim*). A forma nominal em hebraico pode ser entendida como tradução. Há um testemunho bíblico em Esd 4,7, em que o particípio passivo de *tirgen* dá *meturgan*, significando algo como “traduzido” ou “composto” (DIEZ MERINO, 2004, p. 347-390).

Os targumim são traduções que mesclam alta literalidade e expansões que refletem o ambiente traditivo e litúrgico do judaísmo rabínico, produzidas entre o início do século II aC e o final da Idade Média (McNAMARA, 1981, p. 59-81). Os targumim são material textual produzido em aramaico, em longo processo traditivo no espaço litúrgico e homilético das sinagogas, veiculado por meio do gênero tradução, com tendência parafrástica, para interpretação e pregação da Bíblia Hebraica.

Credita-se seu surgimento em função da prática religiosa e exegética judaica em contato com a língua aramaica no período hasmoneu e neotestamentário, resultante das relações assimétricas com o Império Persa e de certa decadência e falência do hebraico como língua de uso comum. Apesar de alguns estudiosos aproximarem os targumim da *Septuaginta*, o processo traditivo, o método e a função litúrgica e didática dos targumim diferem da tradução grega, imprimindo-lhes características próprias (McNAMARA, 1996, p. 1-19).

O termo targum está ligado intrinsecamente à paráfrase, à explicação livre e ampliada, em interpretação que fixa seu método e sentido em bases

semelhantes ao do comentário midráxico, apesar de não poder ser classificado como midraxe. É considerado um dos mais importantes fenômenos exegéticos e hermenêuticos do judaísmo antigo, tendo exercido influência significativa na construção da herança traditiva dos primeiros cristãos e na exegese matricial do Novo Testamento.

Os targumim são fruto da rica exegese da escola ligada ao complexo sinagoga e direcionado a um público não acadêmico, mas sim à assembleia, com o objetivo da pregação. Essa tradução deveria ser compreensível às pessoas comuns e, por isso, introduz grande quantidade de informações e explicações. A exegese segue o gosto popular pelas narrativas e as grandes tradições, eliminando as contradições e combinando diversos textos bíblicos em uma ação de intertextualidade. Os targumim atualizam as datas e eventos históricos indicados nos textos hebraicos à época e ao ambiente do tradutor e da assembleia. Suas paráfrases são de cunho moral e exortativo (CROATTO, 2001, p. 99-117).

Pode-se compreender na base do método targumico a competição sectária do judaísmo pré-cristão que exigiu modelos hermenêuticos explícitos e a tensão provocada pelos modelos de interpretação helenísticos disponíveis. Os fariseus e saduceus se enfrentavam em torno da interpretação correta das Escrituras e o estatuto das normas extrabíblicas (o corpo de leis/ensinos autoritativos não canônicos em relação ao texto canônico). Havia também a comunidade de Qumran e a interpretação do seu fundador, o Mestre da Justiça. Grupos sacerdotais antigos, que se tornaram a classe governante helenizada, defendiam a acomodação da tradição bíblica aos sistemas filosóficos da cultura greco-romana. Os zelotes envolvidos em uma interpretação bíblica diretamente relacionada à causa ultranacional. E, além desses, os seguidores de Jesus de Nazaré (HEINEMANN, 1974, p. 118).

Sobre a tendência haláquica dos targumim e a influência farisaica vale lembrar que a interpretação farisaica tem um tom apologético, por não contar com o argumento de estatuto hereditário ou de treinamento profissional (como os levitas, escribas e sacerdotes), os fariseus foram obrigados a buscar argumentos solidamente fixados nas Escrituras.

É importante compreender que os targumim se estabelecem no contexto de uma tradição religiosa que experimentava deslocamentos profundos em sua autocompreensão e esperança de futuro, como é o caso do judaísmo formativo nos séculos que sucederam aos eventos fundantes do cristianismo, à destruição de seus mais caros símbolos como o Templo de Jerusalém e, posteriormente, Jerusalém. O movimento do judaísmo rabínico desenvolveu mitos apologéticos que justificavam e protegiam seus textos fundantes, transformando o código linguístico do hebraico já enrijecido em língua da revelação. A vitalidade dos targumim se diluiu na mesma proporção em que a abertura para a inovação e a transformação na tradição rabínica foram sendo reduzidas.

1 Tipos de targumim

Os targumim podem ser classificados em função de seu relacionamento com a tradição rabínica em dois grupos: os targumim tradicionais ou rabínicos (incluindo os targumim do Pentateuco, dos Profetas e dos Hagiógrafos) e os targumim encontrados entre os manuscritos de Qumran, como Targum de Jó e Targum de Qumran de Levítico, que pertenciam a uma tradição de tradução diferente do primeiro grupo, caracteristicamente não rabínica.

Podem também ser agrupados em relação aos conjuntos textuais da Bíblia Hebraica: Pentateuco, Profetas e Escritos ou Hagiógrafos.

1.1 Targumim do Pentateuco

Os testemunhos dos targumim do Pentateuco ou da Torá disponíveis para estudo são: Targum Neofiti I (TgN); Targum Fragmentário; Targumim da Genizá do Cairo; Targum Onqelos; Targum Pseudo Jonathan; Targumim dos Fragmentos de Qumran.

Esses testemunhos, por sua vez, se agrupam em duas tradições predominantes: a tradição babilônica, representada pelo Targum Onqelos e, a tradição palestinese, representada pelo Neofiti, Fragmentário, da Genizá, Pseudo Jonathan, dos Fragmentos de Qumran e o Targum de Qumran do livro de Levítico. A expressão Targum Palestinese não se refere a um testemunho específico, mas a um conjunto de tradições exegéticas e tradutórias partilhadas por uma família de targumim (DÍEZ MACHO, 1979, p. 13).

Os testemunhos mais relevantes de cada uma dessas tradições são o Targum Onqelos e o Targum Neofiti I. O Targum Onqelos é considerado a versão oficial e canônica rabínica da tradição targúmica e contempla todo o Pentateuco, também chamado de Targum Babilônico. É citado no Talmud Babilônico como “nosso targum”. Caracteriza-se pela tradução literal, uniforme. Tem afinidades com o aramaico de Qumran e o de Samaria. O Targum Neofiti I, premassorético e pré-cristão, contempla todo o Pentateuco e é considerado a recensão da tradição targúmica palestinese (DÍEZ MACHO, 1979, p. 14).

1.2 Targumim dos Profetas

O Targum dos Profetas ou Targum de Jonatas ben Uzziel (TgJn) abrange os livros de Josué a Reis e os Profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel. Segundo a tradição rabínica, foi elaborado por um discípulo de Hillel, Jonatas filho de Uzziel. Esse targum teria sido escrito na Palestina, mas editado na Babilônia. Pela forma do aramaico utilizada, pode-se indicar que a composição data aproximadamente da primeira metade do século II aC. É também denominado como o Targum de Jerusalém ou Palestinese. Foi

reconhecido como sendo o targum oficial na Babilônia, no século III, e foi aceito por toda a diáspora.

1.3 Targumim dos Hagiógrafos

Apesar de os Escritos não fazerem parte da rotina litúrgica da Sinagoga, com exceção dos Cinco rolos das Festas, há targumim de todos os livros da Bíblia Hebraica, exceto Esdras, Neemias e Daniel. Os Targumim dos Escritos ou dos Hagiógrafos são testemunhados por inúmeros textos. Esses targumim possuem grande quantidade de comentários hagádicos e registram aramaico posterior palestino, por isso, supõe-se sua redação na Palestina. Podem ser divididos em três grupos: 1) os targumim dos Cinco Rolos das Festas; 2) os targumim de Jó, Salmos e Provérbios; e, 3) os targumim de Crônicas.

No primeiro grupo há manuscritos de várias tradições, especialmente os de Lamentações e de Cântico dos Cânticos, que apresentam versões variadas e divergentes entre si. No segundo grupo, há também muitas tradições *hagádicas*¹ que se mesclam com materiais novos e antigos. O Targum de Provérbios evita interpretação midráxica, optando pelo esforço em ser literal. O Targum de Crônicas se aproxima do Targum Pseudo Jonathan pela língua e pela tendência parafrástica. O Targum de Jó, com os testemunhos de 4QTgJó e 11QTgJó encontrados entre os rolos de Qumran, pode ser datado provavelmente do século II aC (McNAMARA, 1981, p. 59-60).

2 Características dos targumim

O que todos os targumim têm em comum é o fato de serem traduções do texto hebraico que era considerado canônico em sua época, muito embora não necessariamente partindo do mesmo conjunto de testemunhos hebraicos. Com exceção do Targum de Cântico dos Cânticos e do Targum do Eclesiastes, o objetivo e a função dos targumim eram dar a interpretação do relato mítico e atender à função apologética originários da instrução de Ne 8,8 “para que o povo possa compreender a leitura”. Por isso, convertem as metáforas do texto hebraico em formas mais explícitas e concretas. Optam por utilizar vocabulário mais reduzido e simples, porém sem escolhas muito coloquiais ou com marcas da oralidade. Indicam uma geografia política próxima à dos primeiros séculos, como uma menção a Constantinopla, no Pseudo Jonathan de Nm 24,24. Em todos os testemunhos verifica-se a atualização de *halacás*² com destaque para o Targum Onqelos.

¹ Hagadá ou agadá quer dizer narrativa, deriva da expressão “contar ao filho” a libertação judaica da escravidão no Egito, conforme indicado em Ex 13,8.

² Halacá ou Halakhá significa, literalmente, “caminho” ou “andamento”. Significado inspirado em Ex 18,20. Pode denotar a lei, os costumes ou as práticas judaicas.

Na interpretação, é comum a todos os targumim buscarem harmonizar a tradução para que a memória e as referências aos patriarcas não sejam negativas ou suscetíveis de crítica. Em textos em que o comportamento, caráter ou atitudes dos patriarcas podem ser alvo de críticas, tratam a questão com eufemismo e mesmo com mudanças no sentido do texto. Um exemplo interessante é o caso dos olhos de Leia, que em Gn 29,17 são identificados como fracos ou embaçados, no Targum Neofiti são “banhados em oração”.

Nessa mesma direção, preocupam-se com expressões antropomórficas e antropopáticas, evitando colocar Deus como sujeito ou objeto da ação, que caracteriza a tendência à abstração e à transcendentalização de Deus, como faz o Neofiti para Nm 11,23 e Gn 18,3. Nesse processo ultrapassam questões tradutórias e invadem o território teológico pela opção de termos técnicos de sua própria tradição teológica como *Memra*, *Yeqara*, *Kabod*, *Shekiná* como faz o Neofiti para Gn 6,6 e 1,4.

O aramaico dos três últimos séculos antes do cristianismo e do primeiro século da era cristã, não era uniforme e havia inúmeros dialetos. No século I dC, o bilinguismo antigo (hebraico e aramaico) deu lugar ao trilinguismo (hebraico *mishnaico*, aramaico e grego), com predominância do aramaico nas classes mais baixas da população. A língua dos targumim é uma variedade do aramaico literário padrão caracterizado por grande número de variantes dialetais próprias do aramaico palestino. É uma língua posterior ao aramaico bíblico e ao de Qumran (McNAMARA, 1981, p. 84).

2.1 Surgimento e datação

Há mitologias apologéticas dos targumim que retroagem a criação do targum à Aliança de Deus com Israel, segundo as quais o targum da Torá teria sido dado a Moisés no Monte Sinai. Outra tradição semelhante, remete aos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias o targum dos livros proféticos, como se vê no Talmude Babilônico, no qual se afirma que “o targum dos Profetas foi redigido por Jonatas ben Uzziel, que o recebeu de Ageu, Zacarias e Malaquias [...]. Ele também desejava revelar o Targum dos Hagiógrafos, mas uma voz celeste veio e o preveniu (disso)” (SAFRAI; TOMSON, 2007, p. 250).

A datação dos targumim é relevante para a reconstituição da religião judaica no período hasmoneu e neotestamentário, pois há poucas evidências de quando, efetivamente, as traduções aramaicas foram introduzidas e usadas nas Sinagogas para explicar as Escrituras. Provavelmente, primeiro essas traduções foram utilizadas para uso privado, no estudo devocional, ou nas academias e no ensino público e, só posteriormente, inseridas na liturgia oficial. Pode-se assumir, no entanto, que as tradições que os

targumim veiculam são relativamente antigas. Há certo consenso de que os targumim teriam sido compostos por longo período: desde o século II a.C. até fins do período medieval.

As mudanças, revisões e novas traduções targúmicas têm vários motivos e fontes, seja como resultado de revisão para acomodação ao texto hebraico normativo seja para acomodação a certa interpretação haláquica, como por exemplo, o Targum Onqelos que projeta no texto a interpretação da escola haláquica de Rabi Aqiba³. Alguns autores defendem que houve no período dos séculos II e I aC um targum palestino, que em grande parte está refletido no Targum Neofiti I e em partes do Targum Pseudo-Jonathan, no Targum Fragmentário e no Targum da Genizá do Cairo. Paul V. M. Fleisher organiza o desenvolvimento da escrita dos targumim em quatro estágios, justamente ligados à localização geográfica. Do século I a.C. a final do I d.C., o desenvolvimento das formas escritas e mais sistematizadas dos targumim teria acontecido na Palestina. As evidências mais fortes são os Manuscritos do Mar Morto (FLEISHER; CHILTON, 2011, p. 69-166).

Do século II ao século III, concentrou-se na Galileia. Do final do século II ao século IV, desenvolveu-se simultaneamente, na Galileia e na Babilônia. Finalmente do século IV ao século VII e por diante, os targumim teriam sido elaborados e transmitidos na Síria e na Galileia. Os últimos três estágios pertencem ao chamado período rabínico do judaísmo e a produção é caracteristicamente cumulativa e interdependente.

O foco da discussão a respeito da datação dos targumim não está vinculado à datação da redação final, pois esta é tardia. Os testemunhos das tradições targúmicas são recensões posteriores, que não podem ser datadas antes do século X d.C. na forma em que se encontram hoje.

2.2 A figura do tradutor: o targumista ou meturgeman

Os tradutores, targumistas ou *meturgemanim*, parecem ter sido encontrados, particularmente, entre os pregadores. A frequência de orações é maior na literatura targúmica do que na rabínica, o que pode ser devido à associação entre targum e liturgia.

O termo *meturgeman*, aquele que traduz, é usado para dois ofícios distintos descritos nos testemunhos rabínicos. Tanto pode ser o porta-voz ou mediador de um sábio, na qualidade de “profeta” do mestre como Aarão foi profeta de Moisés, ou pode se referir ao tradutor litúrgico da Torá e dos Profetas nas reuniões semanais e festas. No primeiro caso, exigia-se que o *meturgeman* fosse também erudito. Os *meturgemanim* não poderiam

³ Foi um dos principais estudiosos e sábios judeus da última metade do primeiro século e do começo do segundo século, viveu de 50–135 dC.

ser pessoas comuns ou iletradas. As traduções e os comentários *midráxicos*⁴ revelam capacitação e conhecimento, ainda que não se possa identificar o estatuto institucional e a profissionalização religiosa em sua função.

O *meturgeman* trabalha em íntima ligação com o texto hebraico e seu propósito é interpretar o texto e fazê-lo compreensível para a congregação, introduzindo em sua tradução muita interpretação, tanta quanta fosse necessária para clarificar o sentido. Não havia qualquer suspeita ou sentimento de dúvida de que o texto estivesse sendo alterado, fraudado ou mudado, porque o texto continuava ali, sendo lido, intacto. O *meturgeman*, porém, não traduzia com total liberdade.

O testemunho do Novo Testamento da leitura dos profetas na sinagoga (Lc 4,16ss) não indica a presença de um *meturgeman*. Pode ser que tal foi omitido por se tratar de um relato destinado a leitores gentios. Sugere-se que é possível que a homília ainda não se distinguisse tão claramente da tradução naquele período, como se estabeleceria no período posterior e, assim, a pregação/homília de Jesus relatada pelo evangelista fosse, ao mesmo tempo, tradução e sermão.

A sinagoga pode ser considerada o espaço do uso primário do targum. As evidências rabínicas indicam que os targumim não eram elementos obrigatórios nas celebrações da sinagoga, mas se fossem incluídos deveriam ser recitados conforme regras estritas, relatadas em tratados talmúdicos. A não obrigatoriedade do targum pode se referir às condições das comunidades mais pobres que não poderiam possuir ou sustentar um *meturgeman*, assim como arcar com os custos das cópias da Torá e Profetas, quanto mais dos targumim.

Os targumim não se constituem trabalhos independentes e “autorais”, mas coleções ecléticas de tradições *hagádicas* e *haláquicas* transmitidas, interpretadas e organizadas, posteriormente, pelos *meturgemanim* nas escolas. Seria no mínimo inadequado afirmar que houve uma *hagadá* targúmica criada por um *meturgeman*. Assim, a tradução targúmica não é uma criação individual, uma obra acabada, mas um processo comunitário, inserida em um contexto teológico e doutrinário dinâmico e específico.

2.3 Gênero e outros aspectos literários

Identificar o gênero targúmico como tradução parafrástica poderia ser um equívoco, pois na maior parte dos targumim (80 a 90%) os textos-base em

⁴ Midraxe ou midrash é um termo hebraico que, literalmente, significa “interpretação textual”, “estudo”. É modo judaico de interpretação que não apenas se concentra nas palavras do texto, mas também no que poderia estar por trás do texto e além do texto. Além disso, presta atenção a cada letra nas palavras e naquilo que poderia ter sido dito e não foi. O termo também é usado para uma obra rabínica que interpreta as Escrituras dessa maneira. O plural é midraxim.

hebraico estão vertidos em tradução hiperliteral. Nem todo texto targúmico é parafrástico, e as paráfrases empregadas nos targumim têm objetivos tradutórios, homiléticos e didáticos. O targum é tradução, pois busca reverberar um texto-base, que é o limite e a direção do tradutor (o *meturgeman*) que segue o texto-base segundo sua ordem formal e de conteúdo, mantendo as prioridades teológicas e ideológicas de sua comunidade de origem.

Nessa perspectiva, os targumim podem ser de dois tipos: tipo A, que é caracterizado por apresentar tradução literal do texto-base seguida por adições explicativas. Nesse tipo, a inserção das adições explicativas é feita de tal modo que podem ser retiradas sem que sua saída inviabilize a tradução, como por exemplo: TgN Gn 28,1-514. O tipo B de targumim é caracterizado por apresentar a tradução literal e os elementos adicionais de tal maneira entretecidos que não é possível retirar o elemento adicional que se incorpora ao texto organicamente.

O elemento central do distanciamento entre targum e midraxé é que o midraxé não é uma tradução, mas um comentário, uma releitura sem compromisso com o espelhamento do texto-base no qual se apoia (CROATTO, 2001, p. 113). Exemplos de midraxim seriam a releitura do êxodo em Sb 11-19; o Gênesis apócrifo de Qumran; a recriação da figura de Melquisedeque em Hb 7; os evangelhos da infância em Mt 1 e 2 e Lc 1 e 2. É possível que tenham se originado em atualizações consideradas pela tradição escrita, como o targum.

O elemento central da aproximação entre midraxé e targum é a base hagádica de ambos, que se inspira e imita a forma narrativa dos textos bíblicos: “O que o midraxé faz expansivamente, com total liberdade, o targum faz de forma condensada e fragmentária, pelo fato de estar amarrado ao texto que traduz e também pelo contexto litúrgico” (CROATTO, 2001, 113). O targum, não se pode negar, encontra-se na fronteira entre os gêneros da tradução e do comentário (TREBOLLE BARRERA, 1995, p. 136). No midraxé esses elementos são justapostos de forma explicitamente descontínua e didática. Nos targumim, o targumista se esforça por escamotear as transições, fundindo tradução e comentário em um texto fluente e coeso.

Os targumim, diferentemente dos midraxim, nunca citam as autoridades rabínicas pelo nome ou as anunciam antes das afirmações que sustentam no comentário. Os comentários e interpretações que os targumim oferecem podem ser facilmente reconhecidos e atribuídos a uma escola ou determinado rabi, porém a nomeação explícita não ocorre. Os targumim não utilizam fórmulas ou expressões estereotipadas para introduzir citações de outros textos bíblicos ou para introduzir ou demarcar opiniões divergentes sobre um tema. Operam a persuasão pelo exemplo, e oferecem apenas conclusões, nunca a construção da argumentação. Os targumim não são nem prescritivos e nem descritivos. São narrativos e exemplares. O texto targúmico não apresenta à audiência a possibilidade de variantes de uma

interpretação. O targumista escolhe a solução que considera que dirime o conflito do texto e da comunidade.

No entanto, é preciso frisar que os targumim cobrem todos e cada versículo dos textos-base, na ordem estrita, e tentam representar cada palavra. Apesar desse esforço de reprodução, o sentido é atualizado, refletindo as orientações teológicas presentes no contexto do *meturgeman* e da sua audiência. Para traduzir interpretando, os procedimentos tradutórios exigem expansões e paráfrases. A interpretação resultante se torna um novo texto, que aparece como imagem do texto-base. É o texto transmitido.

Os targumistas operam por meio de diretrizes precisas e preordenadas. Sua liberdade tem limites severos e nos targumim se percebe a consciência do gênero tradução ao qual se dedica e se permite desenvolver. Essa mesma consciência e limitação parece estar presente na *Septuaginta*, apesar da pluralidade de procedimentos e de tendências teológicas e estilísticas que se percebem nesta última. O procedimento targúmico padrão é o da leitura reflexiva, próximo à da *lectio divina*, e o fluxo do movimento é do texto bíblico à interpretação e de volta ao texto bíblico.

É possível aproximar os targumim do gênero das orações diárias, pelo aspecto litúrgico e de espelhamento da piedade popular. O caráter popular da teologia e da doutrina targúmica está associado ao discurso moralizante, ao uso de *hagadá* e histórias exemplares e ao tom homilético presentes nos targumim. Esse caráter é próprio do discurso targúmico e parece estar ligado à sua função e a audiência. No entanto, apesar de parecerem ingênuas para a exegese cristã e judaica contemporâneas, as opções tradutórias e as soluções para as ambiguidades realizadas nos targumim não são superficiais ou imprudentes. São resultantes de estudo extenso, profundo e responsável teologicamente, por parte dos *meturgemanim*.

2.4 Targumim e literatura rabínica

Apesar de suas peculiaridades, os targumim se assemelham à literatura rabínica por terem sido também transmitidos pelos círculos dessa tradição, e assim, conterem doutrinas desse grupo, como a importância atribuída à Lei e a menção da ressurreição dos mortos; própria da exegese bíblica da tradição rabínica hagádica (DÍEZ MACHO, 1979, p. 13).

Nessa perspectiva, o labor targúmico se mostra diferenciado da exegese dos rabis ou dos discursos dos acadêmicos *hagadistas*, colocando-se apenas como a tradução dos leigos. Os *meturgemanim* não possuíam autoridade acadêmica, embora essa função não pudesse ser ocupada por qualquer um na Sinagoga. Parece mesmo que os targumistas foram profissionais remunerados. Porém, prevalece o fato de que não eram oficiais religiosos da sinagoga, eram leigos (HEINEMANN, 1974, 117-118).

Por outro lado, registre-se que os targumim ocupam espaço próprio no complexo da literatura rabínica. Não podem ser simplificados como versões menores dos textos talmúdicos ou dos sofisticados tratados midráxicos da sinagoga. Os targumim estão relacionados com a prática da piedade e por isso vinculados à oração comunitária. Em sentido estrito, representa a religião popular e se remete aos temas e interesses da pregação popular e do cuidado pastoral. Reforça o aspecto de teologia popular e aderência à prática da piedade dos targumim o fato de as expansões midráxicas do tipo hagádicas espelharem a compreensão corrente da comunidade.

3 Os targumim e o Novo Testamento

Em geral, é possível estabelecer uma data precisa para os textos de Qumran e para os Pseudo-epígrafos do Antigo Testamento e a maior parte delas presumivelmente pode ser situada antes do ano 100 a.C. A tradição rabínica e targúmica, ao contrário, foi antes de tudo oral, e assim foi transmitida antes de ser posta por escrito. Por esse motivo, alguns estudiosos se negam a usar a documentação rabínica na reconstituição da religião judaica do período neotestamentário. Durante muito tempo a pesquisa da literatura rabínica para o estudo do Novo Testamento ficou restrita ao Talmud e ao Midraxé.

O uso dos targumim demorou um pouco mais por causa de uma dificuldade particular: a datação do texto escrito (do targum) mostrou ser posterior ao texto do Novo Testamento. Esse fato levou a concluir que os targumim não serviam como testemunhas do período neotestamentário porque foram escritos depois do século I dC. Além disso, havia um agravante: as cópias dos manuscritos dos targumim eram muito recentes e, portanto, pouco confiáveis. Mesmo assim, os targumim começaram a ser usados na pesquisa do Novo Testamento pelos mesmos estudiosos que já usavam o Talmud e o Midraxé. O primeiro a usá-lo foi Brian Walton, em 1657, quando escreveu o *Apparatus* para a Bíblia Poliglota de Londres. No *Apparatus* Walton escreveu que o termo aramaico *Memra*, palavra de Deus, aparecia nos targumim de forma personificada como se fosse alguém junto a Deus (McNAMARA, 2011, p. 28).

A influência dos targumim sobre os escritos do Novo Testamento continua sendo matéria polêmica. Na década de 1980, Miguel Pérez Fernandez identificou nos targumim do Pentateuco, em especial as tradições messiânicas, fenômenos que poderiam explicar a origem dos evangelhos sinóticos a partir de questões como fonte escrita comum, tradição oral, atividade da sinagoga, das escolas de sábios, o influxo dos próprios targumistas e o influxo de uns textos sobre os outros. Estudando outros targumim, Craig Evans e Martin McNanara também pesquisaram sua relação com o Novo Testamento (PÉREZ FERNÁNDEZ, 1981, p. 15).

Um passo importante para a pesquisa da relação entre o targum e o Novo Testamento foi quando na segunda edição de *The Cairo Geniza*, Paul Kahle escreveu que os targumim contém o material mais importante proveniente dos tempos pré-cristãos e que esse material ajuda a compreender a situação do judaísmo no tempo em que surgiu o cristianismo. Além disso, há uma aproximação entre os targumim e o idioma falado pelos primeiros cristãos (FLESHER, CHILTON, 2011, p. 17).

Alguns temas targúmicos encontrados no Novo Testamento podem ser citados como: a ênfase messiânica do Rei Messias (Cf. TgN Gn 3,15; 49,10-12; TgN Ex 12,42; TgN Nm 11,26; 24,7; 24,17-24); aderência temática e coerência na forma entre os ditos de Jesus (PÉREZ FERNÁNDEZ, 1981, p. 15).

3.1 Alguns paralelos com o *Corpus Paulinum*

Como Paulo se define como fariseu (Fl 3,5), seria óbvio comparar seus escritos com os dos rabinos considerados sucessores dos fariseus. Mas isto não aconteceu no meio acadêmico até a segunda metade do século XIX. O motivo foi uma supervalorização da inspiração divina que agia em Paulo a qual o faria portador da novidade absoluta do cristianismo. Isso levou os estudiosos a menosprezar a dependência de Paulo a qualquer tipo de literatura ou corrente de pensamento.

Em 1880 Ferdinand W. Weber publicou uma obra na qual fazia uma apresentação sistemática do judaísmo rabínico. Lendo a obra de Weber, Otto Pfleiderer chegou à conclusão que a chave da teologia paulina estava no judaísmo, conforme fora apresentado por Weber. Dez anos depois Pfleiderer publicou a segunda edição de sua obra *O Paulinismo* admitindo, muito mais do que ele havia acreditado anteriormente, que Paulo dependia do judaísmo. A partir de então, foi possível pesquisar a influência do Targum na obra de Paulo (RABENS, 2013, p. 256-257).

Tomemos o exemplo de 1Cor 15,3: “Porque primeiramente lhes transmiti o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras”. No Antigo Testamento não há nenhum texto explícito afirmando que o messias (cristo) deveria morrer pelos pecados das pessoas. Há uma alusão a um servo do Senhor (Is 52,13-53,12) que sofreria pelo povo e também há um texto do profeta Zacarias que menciona o traspassado (Zc 12,10), mas não há nada explícito que esses personagens seriam o messias. Essas profecias foram interpretadas muitas vezes, pelos rabinos como se referindo ao povo de Israel com seus sofrimentos ao longo da história.

O Targum⁵ de Is 53,4a afirma: “Então ele deverá orar por nossas transgressões e nossas iniquidades serão perdoadas por causa dele”. Em vez

⁵ Usamos a tradução para o espanhol feita por Josep Ribera Florit.

de enfermidades e doenças conforme está no texto hebraico de Isaías, o Targum traz os termos transgressões e iniquidades. Algo semelhante se afirma no Targum Is 53,5d: “E por nossa devoção às suas palavras, nossas transgressões serão perdoadas”. E ainda no Targum de Is 53,6c: “mas foi um grande prazer do Senhor perdoar as transgressões de todos nós por causa dele”. É bem diferente do texto targumico o texto bíblico de Is 53,4a: “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades”. Diferente também é o de Is 53,5d: “por suas feridas fomos curados”. E o de Is 53,6c: “o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós”. Portanto, a pregação cristã anterior a Paulo já havia assimilado o vínculo entre o sofrimento do Servo do Senhor e o perdão dos pecados e aplicado isto ao sofrimento e morte de Jesus. Apesar de o texto do Targum de Isaías ser recente, sua tradição é muito antiga como atesta o texto descoberto em Qumran (AYTOUN, 1922, p. 172-180). Essa tradição presente no serviço litúrgico da sinagoga poderia estar presente na pregação cristã e pode ter sido retomada por Paulo.

Outro exemplo é Efésios 4,8, citando o Salmo 68,18 se desvia do texto hebraico substituindo o verbo “dar” por “receber”: “Por isso foi dito: Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e **deu dons aos homens**”. Isso parece estranho porque o Sl 68,18 afirma: “Os carros de Deus são milhares de miríades; o Senhor veio do Sinai para o Santuário. Subiste ao alto, capturando teus cativos; **recebeste dons dentre os homens**, e até dentre os rebeldes, para que o Senhor Deus tivesse uma habitação entre eles”. No entanto, o Targum do Sl 68,18 diz:

Tu ascendeste ao firmamento, oh Moisés, o profeta; tornaste cativo o cativo, ensinastes as palavras da Lei; **destes dons aos filhos dos homens**, mas entre os rebeldes, unicamente os que se tornaram prosélitos e se arrependeram, sobre eles repousa a Shekinah do Senhor⁶.

O texto de Ef 4,8 se refere a Jesus que destrói o cativo da morte e do pecado e dá a salvação. Quem aceita o dom da salvação passa a ser livre. O Targum se refere a Moisés em sua ascensão ao Monte Sinai para receber a Lei, o dom de Deus, que é dado aos hebreus e aos prosélitos tornando-os livres por causa da *shekiná*, a presença de Deus, entre eles.

3.2 Evangelhos

Apesar de a fase da escrita do Targum Jonathan ter sido por volta de 132 dC, durante a revolta judaica, sua tradição já estava em circulação no primeiro século, quando o Novo Testamento foi posto por escrito. Esse Targum é famoso por explorar metáforas e símiles, assim como os Evangelhos, principalmente quando se trata das parábolas de Jesus.

⁶ Para uma tradução em inglês ver: <<https://bit.ly/34Gmift>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

Várias vezes no Antigo Testamento Israel é comparado com uma semente. Que Deus tenha semeado Israel no exílio, pode ser depreendido de Is 21,10. Também a semente ruim ou a erva daninha é comparada aos gentios. Isaías menciona os espinhos e abrolhos identificando-os, explicitamente, com a Assíria em Is 10,17. O targum segue o imaginário da Bíblia Hebraica, mas faz algumas modificações.

A imagem da semente de mostarda em Mc 4,31-32, paralelo com Mt 13,31-32 e Lc 13,19, é usada nos sinóticos com o significado da pequenez do Reino que se agiganta. A semente de mostarda não está presente no Antigo Testamento e nem no Targum de Jonathan. O que há de mais parecido com a parábola da mostarda é o texto de Ez 17,22-23 ao mencionar que um pequeno ramo, o mais tenro, de um cedro será cortado e plantado em um monte muito alto. Mas o Targum de Ez 17,22-23 está mais próximo dos sinóticos:

Assim diz o Senhor Deus: Eu mesmo trarei um filho do reino da casa de Davi, que é semelhante ao cedro elevado, e o estabelecerei entre os filhos de seus filhos. Eu o ungirei e o estabelecerei pelo meu Memra, em um monte alto e elevado. No monte santo de Israel o estabelecerei, e ele reunirá exércitos, edificará fortalezas e se tornará um rei poderoso; e todos os justos confiarão nele, e todos os humildes habitarão na sombra do seu reino⁷.

A ideia é de algo pequeno se transformando em algo com proporções gigantescas, a mostarda em Mateus, e o raminho de cedro, que na versão targúmica é como uma criança que se torna um grande rei davídico. O targum parece comparar os ramos e os frutos com exércitos e fortalezas para dar a ideia de um grande reino. Se os primeiros ouvintes da parábola da semente de mostarda tivessem em mente as imagens de exércitos e fortalezas que foram se multiplicando em um grande reino, isso explicaria certas incompreensões a respeito da identidade de Jesus como aquele que traz outro tipo de reino.

E Jo 12,40, ao citar o texto de Is 6, 10, acrescenta o seguinte comentário: “Isaías disse estas coisas porque viu a glória dele (de Jesus) e falou a seu respeito (a respeito de Jesus)” (Jo 12,41). O texto joanino sugere que quem cegou os olhos e fez os corações ficarem endurecidos, conforme o profeta anunciou, foi Jesus e que Isaías teria visto isso. Como Isaías poderia ter visto a glória de Jesus? Em Is 6,1-5 o profeta viu o próprio YHWH, Isaías afirma “meus olhos contemplaram o Rei, o SENHOR dos Exércitos” (v. 5). O Targum de Is 6,5 em vez de dizer que o profeta viu YHWH, traduz “Eu vi a glória do Senhor”.

Ao supor que foi a glória de Jesus que Isaías viu, o evangelista não difere da suposição de Jo 8,56 quando afirma que Abraão viu o dia de Jesus. De

⁷ Usamos a tradução para o espanhol feita por Josep Ribera Florit.

fato, no Targum de Gn 22,14 há uma oração de Abraão antes de sacrificar Isaac. Abraão diz: “as gerações que surgirem mais tarde hão de dizer: “no monte do santuário do Senhor, onde Abraão ofereceu Isaac, seu filho, neste monte se lhe manifestou a glória da shekiná do Senhor”⁸. Portanto, para o evangelista João, aqueles que, na antiga aliança, veem a glória de Deus, veem Jesus que é a glória do Pai.

3.3 Cartas universais

Além do que foi mostrado acima, a respeito dos paralelos entre a 1Cor 15,3 e o Targum de Is 53,4a. 5d.6c, também a 1Pd 3,18a vai na mesma linha de interpretação, afirmando que “Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos ímpios, para nos conduzir a Deus”. É evidente o paralelo com o Targum de Is 53,4-6 que enfatiza o sofrimento redentor do Servo com o propósito de conseguir para os transgressores a graça do Senhor que tem “grande prazer do Senhor perdoar as transgressões de todos nós por causa dele” (Tg Is 53,6c).

Considerações Finais

Na maioria dos casos, o texto do Antigo Testamento é suficiente como pano de fundo para se compreender as releituras feitas pelo Novo Testamento. Isso significa que não apenas Jesus baseou seus ensinamentos nas Escrituras, como também os escritores do Novo Testamento usaram o Antigo Testamento para falar sobre Jesus.

Em outros casos é interessante e útil consultar a versão targúmica. As tradições targúmicas apresentam as Escrituras na maneira como eram lidas naquele tempo e local, e no modo como foram explicadas às pessoas comuns. Expressões do Antigo Testamento foram substituídas por linguagem popular e muitas vezes se assemelham ao uso da linguagem que aparece no Novo Testamento.

Embora haja muitas diferenças entre o Targum e o Novo Testamento, pois o último rejeita certas ideias do primeiro, como é o caso de algum preconceito contra os gentios e supervalorização de Israel, a tradição targúmica poderia representar a interpretação que os ouvintes de Jesus davam às suas palavras e que os escritores do Novo Testamento pretendem corrigir nos seus leitores. Para a pesquisa da relação entre o Targum e o Novo Testamento, os resultados significam que os textos neotestamentários podem ser considerados como exegese judaico-cristã, precedendo a finalização do

⁸ Para uma versão em inglês: <http://targum.info/pj/pjgen18-22.htm>

Targum em sua fixação por escrito. O movimento contrário também pode ter acontecido, o Targum fixado por escrito pode ter corrigido interpretações cristãs como é o caso de Melquisedeque na Carta aos Hebreus, mas esta discussão não cabe aqui no curto espaço deste artigo⁹.

Além disso, a exegese no primeiro século da era cristã não difere muito daquela do início do segundo século. O Targum pode indicar certas posturas e interpretações feitas pelo Novo Testamento, principalmente em comunidades de forte presença judaica como é o caso da comunidade de Mateus e de João, embora suas interpretações sejam cristológicas, em última análise. Assim, o Targum funciona como o ambiente exegetico contra o qual os textos do Novo Testamento estão reagindo.

Uma elucidação muito útil que resulta da pesquisa sobre a relação entre Targum e Novo Testamento é que o último, tanto quanto o primeiro, tem como objetivo a prática da piedade e, por isso, estão vinculados à moral, à oração, ao serviço litúrgico e à defesa da fé diante do pluralismo religioso daquela época. Tanto o Targum, quanto o Novo Testamento, representam a fé popular e se remetem aos temas e interesses da pregação e do cuidado pastoral.

Para os estudiosos do Novo Testamento, o Targum pode ser usado como parte da explicação de certas passagens do Novo Testamento, mesmo que o Targum tenha sido fixado por escrito em um período posterior.

Importante para a pesquisa atual sobre o Novo Testamento é a consciência de que os textos que hoje se nos apresentam para estudo, dependem ou estão em relação com outros textos que são resultado de um longo processo de tradução, acomodação, revisão e censura e, finalmente, escrita.

Referências

ALAND, K.; NESTLE, E. (Eds.). *Novum Testamentum Graece*. 27.ed. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 1993.

ANDRADE, A. L. P. *Recepção judaica e cristã da Bíblia*. Belo Horizonte: *Theologica Latinoamericana* — Enciclopédia Digital, 2014. Disponível em: <<http://theologicalatinoamericana.com/?p=171>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

⁹ Para a Carta aos Hebreus, o sacerdócio de Melquisedeque e, portanto, o de Jesus que é do mesmo tipo, é maior que o sacerdócio levita, porque Abraão reverenciou Melquisedeque, pagando-lhe o dízimo e sendo abençoado por ele. Para o Targum Pseudo-Jonathan e o Neofiti de Gn 14,18a, Melquisedeque era Shem, filho de Noé, antepassado de Abraão e, por isso, Abraão lhe devia reverência (RODRÍGUEZ CARMONA, 1978, p. 79-102).

- AYTOUN, R. A. The Servant of Lord in the Targum. *The Journal of Theological Studies*, Oxford, v. 23, p. 172-180, 1922.
- CROATTO, J. S. A função hermenêutica do Targum. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, v. 40, p. 99-117, 2001.
- DÍEZ MACHO, A. *El tǎrgum: introducción a las traducciones arameas de la biblia*. Madri: Textos y Estudios Cardenal Sisneros, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1979.
- DIEZ MERINO, L. Los estudios targúmicos en la actualidad. *Estudios Bíblicos*, Madrid, v. 62, p.347-390, 2004.
- El Targum de Isaías: la versión aramea del profeta Isaías*. Introducción, traducción y notas de Josep Ribera Florit. Valencia: Institución San Jerónimo para la Investigación Bíblica, 1988. (Biblioteca Midrásica, 6).
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Ed). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Fourth Corrected Edition. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 1990.
- FLESHER, P. V. M.; CHILTON, B. D. *The Targums: a Critical Introduction*. Waco: Baylor University Press, 2011.
- HEINEMANN, J. Early halakhah in the palestinian targumim. *Journal of Jewish Studies*, Oxford, n. 25, p. 114-122, 1974.
- JASTROW, M. *A dictionary of the Targumim, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midraschic literature*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2005.
- McNAMARA, M. Literatura rabínica e os targumim. In: FABRIS, R. (Org). *Problemas e perspectivas das ciências bíblicas*. São Paulo: Loyola, 1981. p. 59-81.
- McNAMARA, M. *Targum and New Testament: Collected Essays*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.
- McNAMARA, M. Targumic Studies. *Catholic Biblical Quartely*, n.1, v. 28, p. 1-19, jan.1996.
- PÉREZ FERNÁNDEZ, M. *Tradiciones mesiánicas en el Targum Palestinense: estudios exegeticos*. Valência: Institución San Jerônimo, 1981.
- RABENS, V. *The Holy Spirit and Ethics in Paul: Transformation and Empowering for Religious-Ethical Life*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013.
- RIBEIRO, S. H. *Traduções Populares — os novos Targumim?*. 2009. Tese (Doutorado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, 2009.
- RODRÍGUEZ CARMONA, A. La figura de Melquisedec en la literatura targúmica. *Estudios Bíblicos*, Madrid, v. 37, 1978, p. 79-102.
- SAFRAI, S.; TOMSON, P. J. *The Literature of the Sages: Midrash, and Targum, Liturgy, Poetry, Mysticism, Contracts, Inscriptions, Ancient Science and the Languages of Rabbinic Literature*. Assen: Royal Van Gorcum, 2007.
- Targum de Ezequiel*. Introducción, traducción y notas de Josep Ribera Florit. Estella: Editorial Verbo Divino, 2004. (Biblioteca Midrásica, 27).

The Targums of Onkelos and Jonathan Ben Uzziel on the Pentateuch: With the Fragments of the Jerusalem Targum, From the Chaldee. Translated by John Wesley Etheridge. London: Forgotten Books, 2018.

TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia.* Petrópolis: Vozes, 1995.

Artigo submetido em 22.12.2019 e aprovado em 19.03.2020.

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ é Doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), membro do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). É coordenadora do Grupo de Pesquisa O Targum e o Novo Testamento. **Contribuição no artigo:** desenvolvimento dos aspectos formais (títulos, resumo, abstract, subtítulos, referências), e de conteúdo (item 3, e considerações finais). Orcid.org/0000-0002-2339-1134. E-mail: aylanj@gmail.com

Endereço: Rua João Fernandes Vieira, 600, Apto 1508
Boa Vista
50050-903 Recife – PE

Súsie Helena Ribeiro é Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Pesquisadora membro do Grupo de Pesquisa O Novo Testamento e suas tradições textuais: formação, transmissão e recepção, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). **Contribuição no artigo:** desenvolvimento de conteúdo (introdução; itens 1 e 2). Orcid.org/0000-0002-6826-2192. E-mail: susieribeiro@hotmail.com

Endereço: CCSW3 Lote 2, Apto 512, Sudoeste, B
70680-350 Brasília – DF